

Sob o signo da amizade

*Por Edgard de Assis Carvalho*¹

Nos livros VIII e IX da *Ética a Nicômacos*², Aristóteles enuncia a célebre distinção entre *philia*, termo de onde se origina o conceito de amizade, e *sophia*, sabedoria. *Philia* também pode ser traduzida por amor, amor da sabedoria, amigo da sabedoria. O filósofo é aquele que ama a sabedoria, que tem amizade pelo saber, que deseja saber. A amizade verdadeira busca sempre religar amor, poesia, sabedoria³.

Philia e *sophia* estão na base do pensamento de Edgar Morin, circundam sua extensa bibliografia, sempre em constante transformação, como ramos e galhos de árvores que, ao caírem sobre a terra, se transformam em novas arborescências⁴.

É preciso reconhecer, para depois reinterpretar os mistérios do mundo, identificar as partes malditas circundantes, instaurar um permanente diálogo com a natureza humana⁵, para que uma concepção complexa do *sapiens demens* seja posta em prática nestes tempos sombrios e líquidos do presente. Mesmo que aceitemos a evidência de que o universo começou sem o homem e talvez termine sem ele, o tempo de que dispomos é breve, escasso, irreversível.

Em *Rumo ao abismo? Ensaio sobre o destino da humanidade*,⁶ Morin reitera que, mesmo imersa no caos, a humanidade tem diante de si uma oportunidade inédita: metamorfosear-se em um metassistema repleto de possibilidades, ou sucumbir no abismo da insignificância generalizada.

¹ Coordenador do COMPLEXUS, Assessor permanente do GRECOM. Vice-Presidente do IEC. Livre-docente da FCL, UNESP, Araraquara.

² Aristóteles. *Ética a Nicômacos*. Tradução de Mário da Gama Cury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1955.

³ Ver Edgar Morin. *Amor, poesia, sabedoria*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

⁴ Ver Edgar Morin. *A Aventura de O Método e Para uma racionalidade aberta*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. São Paulo: Edições SESC, 2020.

⁵ Ver Edgar Morin e Boris Cyrulnik. *Diálogo sobre a natureza humana*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Palas Athena, 2012.

⁶ Edgar Morin. *Rumo ao abismo? Ensaio sobre o destino da humanidade*; tradução Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

Por toda parte, forças de degeneração e regeneração, pulsões de vida e pulsões de morte, Eros e Tânato, se confrontam intensamente, e esse embate não parece dar sinais de superação.

Não existem culpados nem bodes expiatórios a serem queimados em praça pública. Direta ou indiretamente, consciente ou inconscientemente, somos coautores desse processo, corresponsáveis pelo abismo em que fomos lançados.

Narrativa do mundo, a ciência não pode se furtar de desvendá-lo. Herdeira do iluminismo, suas certezas e determinações não redundaram numa Via para a humanidade. Sombras, ocultações, indeterminações, ignorâncias, mistérios passaram a ser descartados como partes mortas, jamais ideias vivas que descrevem e interpretam nossa trajetória hominescente⁷.

Reaprender a pensar requer treinamento e obstinação. Por vezes começa por um sonho e a história da ciência é exemplo disso. Da escuridão total do cosmo, brotam cores de grande intensidade dentro de nós, formulando questões surpreendentes, profundas, indeterminadas, impermanentes. Afinal, somos filhos do céu, situados entre o vazio, a luz, a matéria⁸, mensageiros cósmicos da ordem, da desordem, da interação, da organização.

No conjunto da obra de Edgar Morin, imagem e palavra, imaginação e razão, prosa e poesia se emaranham numa complexa espiral narrativa, que escancara não apenas os paraísos perdidos, as intolerâncias vorazes, mas também as utopias realizáveis, regeneradoras, inesperadas, desencadeadoras de uma política de civilização planetária. Daí decorre o papel que o cinema desempenha no conjunto da obra. Capaz de desvendar as tempestades da alma, o imaginário cinematográfico capta as pulsões inconscientes que regem o mal-estar na cultura.

Em *A Via. Para o futuro da humanidade*⁹, as tonalidades da argumentação se radicalizam, a urgência das reformas – pensamento, educação, sociedade, vida – tornam-se mais explícitas e radicais.

⁷ Ver Edgar Morin. *Conhecimento, ignorância, mistério*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

⁸ Ver Michel Cassé e Edgar Morin. *Filhos do céu. Entre vazio, luz e matéria*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

⁹ Ver Edgar Morin. *A Via. Para o futuro da humanidade*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

Tais reformas são vias que podem desembocar numa *Via* que decresça a velocidade da Espaçonave Terra, cujo combustível é alimentado pela mundialização, pela ocidentalização, pelo desenvolvimento. As fontes subjetivas da miséria humana, da compaixão para com os outros são expostas sem concessões, mesmo que Edgar esteja consciente de que a possibilidade de mudar de via seja cada vez mais improvável.

Mesmo assim, não custa tentar, pois o inesperado pode surgir a qualquer momento. Luminescente, o fragmento XVIII, de Heráclito de Éfeso (540-470 a.C.)¹⁰, aparece em muitos momentos na obra, em conferências e provocações que Edgar Morin espalha ao redor do mundo. Se não esperares, afirma Heráclito, não encontrarás o inesperado, sendo não encontrável e inacessível.

É preciso esperar, para reconhecer que, doravante, modos de conhecimento complexo, descobertas de possibilidades cognitivas inéditas, desvendamentos de potências mentais recalçadas fornecerão as balizas de um futuro sempre em aberto que investe na fraternização planetária.

Abrir a problemática sistêmica, tantas vezes referida na obra, é imperioso. O sistema jamais se comporta como partes interconectadas numa harmonia perene. Metaforicamente, se assemelha a um arquipélago com várias ilhas a serem descobertas e desbravadas. Por essa razão, as ideias de Edgar Morin são transdisciplinares e transculturais, inspiradas por uma miríade de pensadores responsáveis por sua formação centenária.

Em *Meus filósofos*¹¹ Edgar elenca 33 pensadores, traça o caminho da sua formação, ressalta: Hoje tenho quase 100 anos, ele sempre reitera, e minha convicção de que é preciso mudar de Via, permanece inabalável, tema recorrente de seu ensaio *É hora de mudarmos de via. As lições sobre o coronavírus*¹², em colaboração com Sabah Abouessalan.

Vigoroso, o ensaio traça uma genealogia das pandemias intitulada 100 anos de vicissitudes, fornece 15 lições sobre a polícrise pandêmica atual e elenca nove desafios do

¹⁰Heráclito. *Fragmentos contextualizados*. Tradução, apresentação e comentários de Alexandre Costa. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

¹¹ Edgar Morin. *Meus filósofos*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre, RS: Sulina, 2013.

¹² Ver Edgar Morin [Com a colaboração de Sabah Abouessalam]. *É hora de mudarmos de via. As lições do coronavírus*. Tradução de Ivone Benedetti. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

pós-corona. Desafios existenciais, políticos, digitais, econômicos e o perigo de termos que nos defrontar com um grande retrocesso.

Mas Edgar acredita na metamorfose recriadora de uma biopolítica da Terra que permita regenerar o humanismo e, desse modo, *Tornar a Terra habitável*, título de um diálogo travado com Peter Sloterdijk¹³.

As comunidades biológico-corporais, jurídicas e simbólicas se enlaçam à interdependência dos sistemas complexos e criam um novo e inadiável imperativo categórico. *É preciso mudar de via e mudar de vida*.

O pensamento complexo é nômade, transdisciplinar, o pensamento disciplinar é sedentário, traz a marca das áreas, fechadas nelas mesmas, inertes, vigilantes a qualquer intrusão indevida. O nomadismo é a marca indelével do entrelaçamento dos saberes, crucial para qualquer reforma do ensino, da educação, que requer a mudança dos educadores. Falta Eros no ensino. Sem Eros, pulsão de vida, não haverá mudança na educação. Basta ler *Ensinar a viver, manifesto para mudar a educação*¹⁴.

Vivemos o espectro de um abismo inexorável, mas como reiterou Friedrich Hölderlin (1770-1843), “onde cresce o perigo, cresce também o que salva”¹⁵.

Os desafios que temos pela frente – ecológico, armamentista, pilotagem do desenvolvimento socioeconômico, derivas identitárias - são planetários e requerem soluções igualmente globais.

Daí decorre a ênfase dada à Estética. Edgar teve oportunidade de, presencialmente, expressar essa necessidade inadiável em 18 de junho de 2019, em São Paulo, no teatro Paulo Autran, no SESC Pinheiros. Intitulada Estética e Arte, a conferência tinha como pano de fundo seu ensaio *Sobre a Estética*¹⁶.

O sentimento estético é um componente do estado poético, um estado alterado de consciência que conduz ao êxtase, à exaltação, à beatitude, ao sentimento oceânico do estar-junto. Essa estetização generalizada oferece a oportunidade de nos maravilharmos

¹³ Ver Edgar Morin e Peter Sloterdijk. *Tornar a terra habitável*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Fagner França. Revisão de Mariza Perassi Bosco. Natal: Editora da UFRN, 2021.

¹⁴ Ver Edgar Morin. *Ensinar a viver. Manifesto para mudar a educação*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2015.

¹⁵ Friedrich Hölderlin. *Reflexões*. Tradução de Marcia Cavalcante, Antonio Abranches. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

¹⁶ Edgar Morin. *Sobre a estética*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Pró-Saber, 2016.

com o que, aparentemente, parece banal, incoerente, sem-razão. Arte e ciência, uma religação irreversível.

Precisamos urgentemente de uma profunda revolução pedagógica, uma fraternização efetiva e, mais que isso, da criação de oásis de fraternidade em que biopolíticas comunais possam vir a florescer e frutificar, aposta de Edgar em seu ensaio *Fraternidade. Para resistir à crueldade do mundo*¹⁷.

Em 2019, nas Jornadas Edgar Morin, do SESC de São Paulo¹⁸, recorri a Jorge Luiz Borges para conceber a complexidade como um jardim e nós, meros jardineiros que, aqui e acolá, disseminamos sementes de ideias próprias ou alheias que conferem sentido ao imaginário contemporâneo.

Imprescindíveis e essenciais, esses oásis de fraternidade se concretizam na amizade que une, no amor que congrega, na sabedoria que resgata a empatia e a solidariedade, na ética de si e do outro que dá sentido a nossas ações¹⁹.

Na inquietante passagem do tempo, traduções de livros, artigos, pronunciamentos, entrevistas de Edgar Morin, somados a meus próprios livros, ensaios, entrevistas, se incumbiram de cimentar uma amizade inabalável e desinteressada, um amor à sabedoria no sentido aristotélico que inicia este texto-tributo.

Vivemos no entrecruzamento entre os tempos cronológico e biológico que aprovisionam as balizas do que pensamos e comunicamos. Somos seres da palavra, e é através dela que conhecemos e damos a conhecer nossas experiências, desejos, utopias.

Temos o mesmo nome, com um *d* acrescido ao final do meu. Somos do signo de câncer, ambos acreditamos na metamorfose, na política de civilização que um dia converterão a Espaçonave Terra num imenso jardim. Como reiterou o astrônomo Martin Rees²⁰, mesmo empoderados pelas tecnologias do século 21, necessitamos de valores universais que não são apenas veiculados pela ciência. Por isso, “seria vergonhoso deixarmos um mundo nocivo e esgotado para as futuras gerações” (Rees, 2021:226).

¹⁷ Edgar Morin. *Fraternidade. Para resistir à crueldade do mundo*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Palas Athena, 2019.

¹⁸ Ver *Complexidade no século 21*. [Edgard de Assis Carvalho, org]. Porto Alegre: Sulina, 2021.

¹⁹ Integrante das comemorações do centenário de Edgar Morin, em 28 e 29 de junho de 2021, o SESC de São Paulo realizou as Jornadas Edgar Morin cujo tema central foi *A vida em tempos de incertezas e a construção do futuro*.

²⁰ Martin Rees. *Sobre o futuro. Perspectivas para a humanidade; questões críticas sobre ciência e tecnologia que definirão sua vida*. Tradução de Vinicius Rocha. Rio de Janeiro: Alta Books, 2021.

Bibliografia

Aristóteles. *Ética a Nicômacos*. Tradução de Mário da Gama Cury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1955.

Michel Cassé e Edgar Morin. *Filhos do céu. Entre vazio, luz e matéria*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

Edgar Morin. *Amor, poesia, sabedoria*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

Edgar Morin. A Aventura de *O Método* e Para uma racionalidade aberta. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. São Paulo: Edições SESC, 2020.

Edgar Morin e Boris Cyrulnik. *Diálogo sobre a natureza humana*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Palas Athena, 2012.

Edgar Morin. *Rumo ao abismo? Ensaio sobre o destino da humanidade*; tradução Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

Edgar Morin. *Conhecimento, ignorância, mistério*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2020.

Edgar Morin. *A Via. Para o futuro da humanidade*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

Edgar Morin. *Meus filósofos*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre, RS: Sulina, 2013.

Edgar Morin [Com a colaboração de Sabah Abouessalam]. *É hora de mudarmos de via. As lições do coronavírus*. Tradução de Ivone Benedetti. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

Edgar Morin e Peter Sloterdijk. *Tornar a terra habitável*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Fagner França. Revisão de Mariza Perassi Bosco. Natal: Editora da UFRN, 2021.

Edgar Morin. *Ensinar a viver. Manifesto para mudar a educação*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2015. Friedrich Hölderlin. *Reflexões*. Tradução de Marcia Cavalcante, Antonio Abranches. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

Edgar Morin. *Sobre a estética*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Pró-Saber, 2016.

Edgar Morin. *Fraternidade. Para resistir à crueldade do mundo*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Palas Athena, 2019.

Edgar Morin. *Complexidade no século 21*. [Edgard de Assis Carvalho, org]. Porto Alegre: Sulina. 2021.

Heráclito. *Fragmentos contextualizados*. Tradução, apresentação e comentários de Alexandre Costa. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

Martin Rees. *Sobre o futuro. Perspectivas para a humanidade; questões críticas sobre ciência e tecnologia que definirão sua vida*. Tradução de Vinicius Rocha. Rio de Janeiro: Alta Books, 2021.